



Director literario:
Alzupbes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
duarrollal
PAPUSSE

SECUNDINO SACADURA



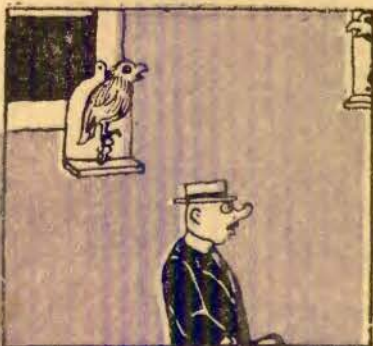
*Secundino Sacadura,
Natural de Sacavem,
Tinha uma grande impostura,
Imaginava-se «alguem»!*



*Falava de grande altura
Com um profundo desdem,
Mas, um dia, o padre cura
Não achando aquilo bem,*



*Combinou com sua mãe
E o seu visinho Ventura,
Castigarem tal desdem,
Rirem de tal impostura.*



*Como cada um deles tem
Papagaio, o padre cura
—(Vendo passar Sacadura
Com o seu ar de desdem)—*



*Ensinou o do Ventura,
A perguntar ao da mãe:
—«Quem és tu alta figura.
Que mostras um tal desdem?!»*



*E o outro, da grande altura,
Respondia: — «Sou alguem!
Secundino Sacadura,
Natural de Sacavem!»*

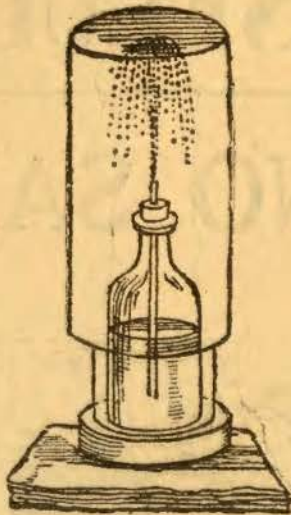
HORA do RECREIO

Experiências Científicas

Um repuxo barato

PEGA-SE num pequeno frasco de remédio de meio-copo de capacidade, enche-se de água e tapa-se com uma rôlha de cortiça, atravessada por um tubo de palha que desça até ao fundo do frasco e ultrapasse dois centímetros a rôlha.

Feito o vácuo num grande bocal de con-



servas ou dôce de calda, cobre-se com êle o frasco previamente colocado sobre folhas de papel mata-borrão humedecidas. Apoiando a beira do bocal sobre este papel evitar-se-há a introdução do ar no interior; o ar arrefecendo rarefaz-se, e destruindo assim o equilibrio a maior pressão do ar no frasco obrigará a água a elevar-se pelo tubo de palha num jacto que irá quebrar-se contra o fundo do bocal.

A força do ar comprimido

SOPRAI fortemente e por várias vezes no interior de uma garrafa com três quartos de água, arrolhando hermeticamente a abertura do gargalo com o polegar durante os intervalos em que tomais fôlego.

Ao cabo de um instante, se tendes bons pulmões, teréis



suficientemente comprimido o ar para que, aproximando o gargalo da chama duma vela, e afastando um pouco o dedo para deixar um fio de ar escapar-se, a chama seja bruscamente apagada.

Para conseguir êste resultado é preciso sustentar a garrafa verticalmente.

Inclinando-a de maneira que a água toque no vosso dedo e desrolhando-a imperceptivelmente por um movimento

do dedo, escapar-se-há um jacto de água que irá cair tanto mais longe quanto mais comprimido esteja o ar dentro da garrafa.

A garrafa em equilibrio

PEGA-SE em três copos, de pé ou sem pé, e apoia-se sobre cada um dêles o cabo de uma faca, cruzando a extremidade das lâminas de maneira que cada uma



passse, primeiro sob a ponta de uma outra faca, em seguida pelo meio da terceira lâmina. Obtem-se, assim uma espécie de ponte bastante sólida para que se possa poisar em cima uma garrafa mantida em equilibrio.

B é b é e T ó t ó

P O R

ANIBAL NAZARÉ

Bébé não pode estar só!
Assim que só o apanha,
logo o acompanha
o Tótó
deitado a seus pés, no chão!

E com que satisfação
Bébé afaga o Tótó!
O cãozinho,
deita-se junto ao bercito
e não o deixa estar só...

A grande alegria sua
é, se Bébé sai à rua,
Segui-lo de brincadeira,
Sem temer cansaço ou 'p'rigos...
E muitas vezes, assim
correm juntos no jardim,
como dois velhos amigos!...

A' hora da refeição
é que há desentendimento...
Pois o cão
talvez por esquecimento,
talvez por ficar ao pé,
ou talvez por distração,

confunde o seu alimento
com a papa do Bébé...

Mas logo se faz
a paz...
Porque afinal
vendo bem,
o animal
tem razão
em trocar o alimento...
pois sabe que um esquecimento
qualquer tem!...

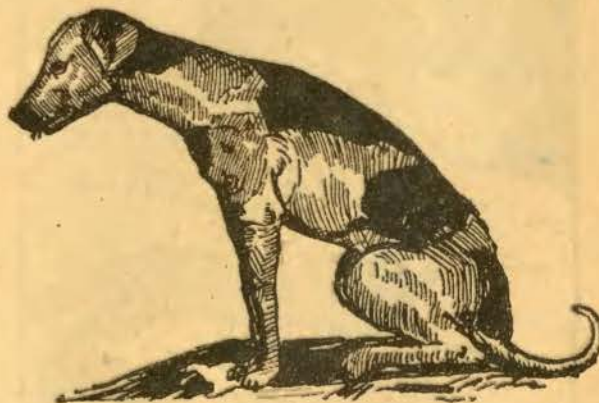
.....
E' tão amigo o Tótó
do Bébé,
que basta ver que está só
para se ir deitar ao pé!

E que feliz é Bébé!!!

— Na verdade,
raramente encontrarão
amisade
onde haja mais lealdade
que na amisade dum cão!!!



Este menino acaba de ver o Preto-Papusse-Papão e ficou cheio de medo. Vejam os meninos valentões se conseguem descobri-lo.



Vejam os meninos se descobrem quantos foram, e que cara tinham, os donos dêste cão.



A MORTE DO LOBO

POR DURVAL PIRES DE LIMA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

HOUVE um tempo em que os lobos se davam muito bem com as raposas, não sendo raro ver-se, par a par, os dois bichos nas muitas passeatas que davam pelos campos e nas visitas que faziam aos casais.

Mas ora aconteceu uma vez, que, por certas galinhas apanhadas na véspera, o lobo pegou-se de razões com a raposa porque, segundo dizia a toda a gente, achava-se ofendido com os dizeres da comadre que lhe chamava ladrão. A raposa negou, negou, a pé firme, afirmando que era mentira, que nunca dissera uma coisa daquelas, que o compadre o que queria era metê-la em trabalhos.

Pode bem imaginar-se a raiva com que ficou o compadre. Demais a mais todos os outros bichos começaram a tratá-lo por cima do ombro, e sempre que o viam, mal êle voltava



Deu muito que falar aquele escândalo e o lobo, que não estava de sofrer enxovalhos, apelou para o tribunal e, depois de muito tempo, foi obrigado pela raposa a pagar as custas e selos do processo.



as costas, começavam a troçar e a dizer mal. O lobo, ao princípio, amofinou-se muito mas, por fim, pensou:

— Deixa-os lá, êles assim o querem assim o tenham. Prego-lhes um dia uma partida que perdem a vontade de serem mal educados.

Mas como o lobo ficava só nas ameaças, continuaram com as suas trepolias. Dona toupeira ficara sem uma orelha, quem havia de ser senão o lobo. Caira a toca dos coelhos; ora quem havia de ser, senão o compadre lobo que, na véspera aparecera a rondar o logarejo. Apanhara o raposinho um tiro que o posera às portas da morte, que admiração, fôra com certeza o lobo que acordara o tio João, só para êle fazer aquela patifaria. Havia uma fominha, que era mesmo um desastre, era o lobo o culpado, não chovia era o lobo, trovejava era o lobo, fazia calor... oh, senhores, era sempre o lobo!

Coitado do bicho, já não sabia o que havia de fazer.

Se ia para o monte, vinha de lá um pastor barbudo, de cajado em riste e era pernas para que vos quero. Se ia para a estrada, saltava-lhe ao focinho um cão de fila e arranhava-o todo. Mas que vida! O compadre resolveu, enfim, dar cabo da sua pele, mas ao menos havia de vingar-se

num bicho, e essa sua vingança havia de constar em dez léguas ao redór.

Saiu um dia de casa, ainda ao lusco-fusco, e ao chegar ao alto do monte viu o sol a sumir-se:

— Bem, pensou êle, o João Ratão há-de vir por êste caminho, e quando menos esperar está na minha barriga.

Com efeito dali a bocadinho, já depois de na aldeia estar tudo a dormir, apareceu no cimo da azinhaga um rato. Vinha muito devagar para que o não ouvissem e ainda molhado do banho que tomara para que o mau cheiro não despertasse o Tareco da Tia Quitéria. Trazia um saco de chita já usadinho, mas que para êle era um tesouro que não trocava por todos os seleiros do mundo e, como vinha só, trazia de prevenção um prego grande, quâsi uma lança que encontrara no sótão onde morava.

Ora o lobo que não pensava em tal, assim que o viu, soltou-lhe à frente e sem dizer *Deus te guarde* abriu uma bocarra capaz de assustar os meninos pequeninos. Mas o rato que era esperto, porque era velhote, mal o viu com a bôca aberta, meteu-lhe o prego de tal maneira por ela dentro, que, ao fechá-la, o compadre espetou-se.

O rato a rir-se à sua custa! E êle, correndo por montes e vales, saltando por pedras e calhâus, foi ter a um sítio muito feio, muito triste, onde havia uma cova muito negra. Aí, tirou o prego da bôca, curou a ferida como ponde e pôs-se a dormir.

Naquele buraco morava, por acaso, um corvo que só recebera maus tratos do bicho-lobo, e que, aborrecido com a impossibilidade de o castigar severamente, fora para aquele lugar fazer vida de santo.

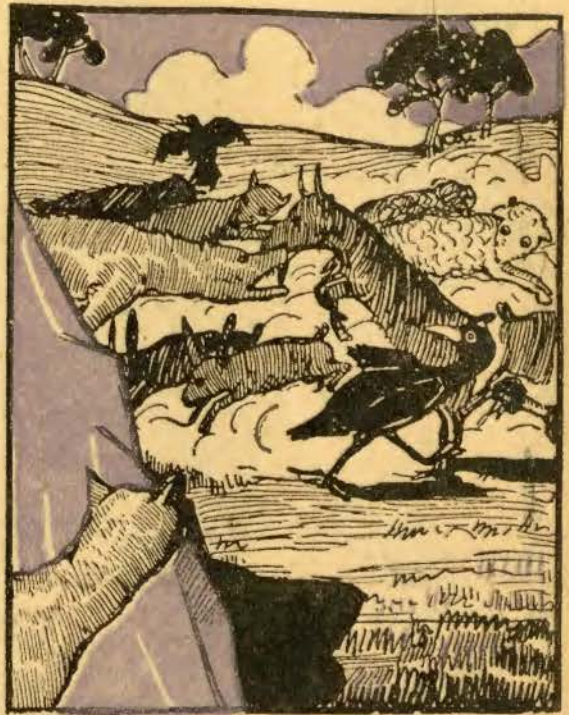
Andava êle à procura de minhocas e caracóis, quando viu o lobo de papo para o ar. Lá estava êle a gozar de todas as poucas vergonhas e êle ali, coitado, a passar fome. Agora ajustavam-se ali umas boas contas. E o corvo foi a casa, fechou a porta a sete chaves, deu a guardar os grilos que tinha numa gaiola à visinha do segundo andar, e partiu em linha recta para a capital, a dizer que o lobo estava a morrer.

As cabras ficaram muito contentes, e naquele dia não

— Bem, pensou um coelho, vamos ver que cara tem um lobo morto. E como todos os bichos fossem da sua opinião foram ver o lobo.

Chegaram à entrada da cova e viram o compadre estendido ao comprido.

— Está mesmo morto de todo, disse um cabrito que se



supunha sábio. Não vêem como êle se não mexe nem abre os olhos!

A raposa, que vinha atrás e que tinha uma data de anos de experiência, não se convenceu que o lobo estivesse morto e perguntou ao corvo:

— Oh! mestre, o lobo espirrou? olhe que eu ouvi dizer à minha avó que o lobo sempre que morre espirra.

— Ora isso são credices, disseram as lebres mais novas. Ora, espirrar! — Ora quem viu para aí um lobo a espirrar?!...

E na verdade nenhum dos bichos vira uma cousa daquelas. Que graça — oh! comadre raposa, como é? E todos os bichos a arremedavam. — E' assim não é?... — atchim, atchim!... oh comadre, mostre lá como é?

— Está bem, meninas, façam o que quiserem: e, devagarinho, foi colocar-se por detrás dum penedo a ver o que ia acontecer.

As ovelhas, as cabras, os cordeiros, as lebres e os coelhos começaram a dançar em volta do lobo, e a cantar, tão alto que pareciam querer acordar os mortos.

Estavam bem arranjados. O lobo, ao princípio, julgou que aquilo fosse do sono, mas, depois, abriu um olho e viu uma data de bichos a fazer-lhe caretas; abriu o outro e viu outros tantos a fazerem-lhe cortezias.

— Ai que bom, veem, vocemecês, mesmo ao calhar... e, de um salto, apanhou um bode pela barbicha, um coelho por uma orelha, e assim por diante.

Estava bem arranjado da sua vida. Agora fossem fazer troça dêle. Toma, toma, e esta e mais esta, e era tanta dentada e bordoadada que, dali a nada, não havia um bicho com vida.

A raposa, essa mal viu o caso mal parado, embrenhou-se pelo mato e escondeu-se na toca; não sem ter muitas vezes olhado para trás, não viesse o diabo do compadre também para o comer!

se calaram. Os carneiros, como eram mais mansos, aconselharam um pouco mais de urbanidade; as lebres e os coelhos pensaram que era o dia mais feliz da sua vida, e todas as toupeiras deram um grande chá.

O lobo, coitado, sonhava cair em cima dum rebanho, que apanhara vinte e cinco cordeiros e que os comera a todos que fora um regalo:

F I M

P Á - T A - P Á

Á
I
T
Á
I
P
Á



V
E
N
D
A

BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM
III VOLUME

POESIAS INFANTIS POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

ESPLENDIDAS PARA AS CRIANÇAS RECITAREM
ILUSTRAÇÕES DE EDUARDO MALTA

VOLUMES PUBLICADOS:

- I BARRACA DE FANTOCHES
- II CÓ-CÓ-RÓ-CÓ
- III PA-TA-PA

OS MELHORES
LIVROS PARA CRIANÇAS
E OS
MAIS BARATOS

| | |
|--------------------------------------|---------|
| PARA ASSINANTES D'O SÉCULO | 4 \$ 00 |
| NAO ASSINANTES | 5 \$ 00 |

Pedidos á Administração de «O SÉCULO» — RUA DO SÉCULO, 59 — LISBOA

HISTÓRIA DA PRINCESA ZÁZÁ

Por A. C. C.

Desenhos de TIO TÓNIO

ERA uma vez um rapazito chamado João, pobre e orfão, que, não tendo nada que fazer, se entretinha a brincar num grande lago existente próximo da sua casa. Num dia em que ele estava na sua brincadeira predilecta, ouviu um ruído como se alguém tivesse caído à água. Intrigado correu para ver se descobria a causa do ruído, e o que viu fê-lo estremecer. Na água, a uns cinquenta metros da margem, uma velhinha lutava desesperadamente para se salvar. Sem um momento de hesitação, Joãozinho atirou-se à água, e conseguiu salvá-la.

Uma vez fóra da água, a velhinha olhou para o seu corajoso salvador e disse-lhe: Salvaste-me a vida com risco da tua; pois bem: mereces ser recompensado. Não vês ao longe aquelas núvens? Pois fica sabendo que para lá delas existe um reino riquíssimo. Esse reino será teu se conseguires desentantar a princesa Zázá, que a cobiça de um homem encantou. Como te disse, desejo recompensar-te, e, como recompensa, dou-te esta medalha. Quando te vires nalgum perigo, basta agitá-la ao ar para te salmares.

Para chegares ao reino de que te falei vou oferecer-te um meio de condução. Tocou com a varinha no chão, e logo apareceu um cisne que foi crescendo, crescendo, até se tornar do tamanho dum avião dos modernos. Tocou ainda com a varinha no Joãozinho e transformou-o num rapaz elegantemente vestido. Por último, disse-lhe: vai com Deus e que sejas feliz é o meu desejo.

Joãozinho montou-se no cisne, que imediatamente partiu pelos ares fóra, para as regiões desconhecidas do reino da princesa encantada. O cisne voou durante milhares e milhares de quilómetros com uma velocidade fantástica. Por fim chegaram ao reino da princesa Zázá. Joãozinho apeou-se e o cisne desapareceu. Nos primeiros momentos Joãozinho ficou atónito porque tudo ali era transparente e volúvel. As árvores, sob a acção de um lindo sol, despediam mil reflexos diamantinos. Em suma, um verdadeiro paraizo.

Joãozinho andou durante alguns dias sem encontrar ninguém. Por fim, chegou a um castelo todo de ouro. Quiz entrar mas não encontrou porta alguma. O castelo era fechado por todos os lados. Neste comenos, uma pantera que até aí estivera oculta, saiu do seu esconderijo e preparava-se para formar o salto sobre o Joãozinho. Mas, neste momento supremo, ele voltou a cabeça e viu a pantera. Tirar a medalha e agitá-la ao ar foi para Joãozinho obra dum momento.

Então a pantera transformou-se numa linda ovelhinha mansa, muito branquinha, que parecia mesmo um amor. João não se pode conter que lhe não desse um beijo. Então a ovelhinha transformou-se numa linda princesa de olhos azuis e cabelos cor de ouro. Ao dar com os olhos no Joãozinho, a princesa fugiu para o castelo. A seu mandado, apareceu uma porta pela qual ela desapareceu, e se fechou em seguida. Tudo isto se passou com uma rapidez extraordinária e Joãozinho ficou boquiaberto vendo a princesa desaparecer.

Como a não tornasse a ver, Joãozinho partiu triste e pensativo, mas conservando viva, no fundo do coração, a imagem do ente adorado.

Depois de ter andado durante algum tempo encontrou um gato leproso, que a custo se arrastava e que miava com sede. Joãozinho tirou o seu frasco da água e deu-lhe de beber. Nos olhos do gato passou um clarão de alegria muda. Joãozinho recomeçou a sua viagem interrompida, mas, por lhe ter esquecido o frasco da água, voltou para traz. No lugar onde deixara o gato, encontrou a mesma velhinha a quem salvara no lago. — «Joãozinho! (disse-lhe a velhinha) vejo que és bom e generoso, e sei quanto sofres. Se vós sabeis quanto sofro, conta-me a história da princesa Zázá. E' bem triste mas conta-ta-hei! Ela vivia feliz e contente com seus pais, não sabendo o que eram desventuras. Um dia meu marido o feiticeiro Blubu viu-a e enamorou-se dela por causa da sua formosura, mas encontrando da parte dela uma verdadeira relutância, porque não acedia a se,



Tiotónio

sua esposa, resolveu encantá-la. E uma tarde, encontrando-a só, levou-a para aquele castelo que viste e disse-lhe: — Já que não queres ser minha mulher, ficarás encantada em



paetera até que um rapaz pobre e valoroso te mostre a medalha mágica cuja possuidora é minha mulher a fada Mariquinhas e transformar-te-hás numa branca ovelhinha. Para te desencantares de ovelhinha, terá êle de te dar um beijo e transformar-te-hás na linda mulher que és. Mas ficarás sempre parva, a não sêr que bebas o líquido do saber que tenho num subterrâneo cuja entrada é guardada por um monstro enorme, rival da Medusa. Aqui tens tu a hisrória da princesa Zázá. Como decerto compreendeste, eu sou a fada Mariquinhas e estou muito zangada por causa da ofensa que recebi de meu marido. Aqui tens o teu frasco da água, cheio de um líquido que te tornará invisível. Volta para traz; ao chegares ao castelo, dirás, no lugar onde se abriu a porta: «Abre-te em nome da fada Mariquinhas!» A' direita da porta, encontrarás uma espada em brasa; leva-a e cumpre o teu dever. Lembra-te que há um coração atribulado que te espera. Vai com Deus e que sejas

feliz... Joãosinho voltou para traz e fez o que a fada mandára. Ao acabar de dizer a frase, a porta abriu-se, e êle entrou. Por detraz da porta encontrou a espada. Dirigiu-se para os subterrâneos, e à entrada de um dêles viu um monstro com 30 olhos, quinze dos quais estavam abertos enquanto dormia. Joãosinho com a espada cortou a cabeça do monstro, e trouxe o líquido que estava num frasquinho muito bem guardado. Na volta dos subterrâneos encontrou o feiteiro a quem trespassou com a espada. Só lhe restava desencantar a princesa. Para isso subiu ao andar superior, onde a encontrou dormindo, deu-lhe a beber o líquido que tinha trazido do subterrâneo. Quando a princesa acabava de beber a última gota do líquido acordou, e, recuperando o uso das suas faculdades mentais, lançou-se ao pescoço do Joãosinho e agradeceu-lhe comovidamente o tê-la desencantado. Voltaram para o reino da princesa Zázá onde



houve grandes festas em honra da princesa. Casaram e foram muito felizes. O feiteiro Jacob foi quem os casou e o padrinho fui eu.

F I M



A VARINHA DE CONDAO

— POR ALBERTO OSORIO —

: Colaboração :

:: infantil ::

ERA pela manhazinha que a Zefinha e o Jaquim davam a sua voltinha em redor do seu jardim. Quando iam no seu caminho aparece uma velhinha, toda rota e pobresinha, a pedir uma esmolinha para matar a fominha. Logo o Jaquim diz à Zefa: — «dá-lhe a nossa merendinha para matar-lhe a fominha. Pega a velha na merenda que logo muito agradece. Mas, nisto, a Zefa e o Quim vêem, com pasmo sem fim, que a velha desaparece. A Zefa e o Quim, logo dizem: — «era fada distarçada!» Nisto olham para o chão e ficam muito pasmados porque, em lugar da velhinha, reparam numa varinha que parece de condão. Então olham para o ar e vêem um lindo Anjo que, descendo em lindo arranjo, começou a murmurar: — «Eu sou um Anjo dos Céus, que do mando da velhinha pobresinha, vos digo que essa varinha é um presente de Deus!»